



CRISE NO JORNAL IMPRESSO: ANÁLISE DE COMO AS MUDANÇAS NOS HÁBITOS DE LEITURA TEM INFLUENCIADO¹

José Flank BEKEMBALL²
Marianna Alves ANGELOS³
Rafael LUCIAN⁴
Giselda VILAÇA⁵
Faculdade Boa Viagem, Recife, PE

Pioneiro nos meios de comunicação de massa e com uma história repleta de altos e baixos, hoje o jornal impresso se encontra numa crise nunca vista antes. Traçamos o passado e o presente do jornal com as mudanças nos hábitos de leitura que a sociedade sofreu desde a oralidade às convergências de todos os meios proporcionadas pela digitalização. Este trabalho implica uma análise não apenas superficial, mas analítica de como os meios tradicionais vão perdendo muitas de suas características para se adequar as novas atitudes (formas de consumir mídia) da sociedade, sendo imprescindível para sua sobrevivência esta mutação.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; jornal; leitura; crise do jornal; novas mídias.

Começar falando do passado para tentar explicar o futuro é um tanto comum na maioria dos trabalhos acadêmicos, talvez pelo princípio óbvio disposto por Aristóteles, de que para se alcançar o “todo” é necessário passar pelo princípio meio e o fim.

Este trabalho não tem por objetivo realizar um apanhado geral da história do Jornal, mas analisar as mudanças que ocorreram neste meio e fazer um paralelo de como o hábito de leitura influenciou nestas mudanças. Daí a importância de se investigar a história do Jornal para utilizarmos como base nas avaliações dos processos sofridos por este meio.

O jornal em seus quatro séculos de existência relatou todo tipo de acontecimento, como também vivenciou todos eles, como componente do mundo em que ele faz parte. Porém, seu papel sempre foi e será de comunicação e como uma atividade humana, a comunicação sempre esteve ligada aos processos culturais, sendo assim, não podemos considerá-la um fenômeno isolado e contemporâneo. Mudanças políticas, culturais, linguísticas, sociais fizeram parte de todas as etapas passada pelos

¹Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012

² Aluno do 8º período do curso de Publicidade e Propaganda da FBV, e-mail: flank@hotmail.com.br

³ Aluna do 3º período do curso de Publicidade e Propaganda da FBV, e-mail: mariannaalves.angelos@gmail.com.

⁴ Professor e Orientador do curso de Publicidade e Propaganda da FBV

⁵ Professora e Orientadora do curso de Publicidade e Propaganda da FBV



jornais. Dos relatos sombrios das guerras aos classificados, o jornal participou ativamente na construção da sociedade em que estamos inseridos.

As transformações nos hábitos de leituras acompanharam as mudanças sofridas pelos periódicos, ora influenciando, ora sendo influenciadas, as formas como esses processos se intercalaram e como isto se desenvolveu socialmente e economicamente é o objeto de estudo deste trabalho.

A história do Jornal impresso

Não é recente o desejo humano de se comunicar através de mídias para um grande número de pessoas. Esculpidos em metal ou pedra, Júlio César se utilizava do Acta Diurna, em 59 a.C. para levar informações oficiais ao povo sobre os mais importantes acontecimentos sociais, religiosos e políticos nas principais cidades.

Porém o jornal impresso do qual conhecemos hoje só foi possível, graças a uma importante criação do século XV.

Próximo a 1450, Johan Gutemberg de Mainz inspirado pelas prensas de vinhos de sua região natal cria a prensa gráfica, algo que já era praticado no Japão e na China desde o século VIII conhecida com impressão em bloco. A invenção de Gutemberg foi uma das maiores e mais importantes da humanidade e a mais importante de sua época, que mudou todo um comportamento da humanidade, um renascimento sócio-cultural. Proporcionou uma mudança não só de comportamento com relação à comunicação, onde a produção em massa conseguiu atingir mais pessoas, permitindo grande disseminação de informação, mas mudanças em comportamentos sociais, políticos, culturais como na luta contra a Inquisição.

A imprensa foi o primeiro passo para o surgimento das primeiras impressões diárias, muitas são as controvérsias de quando teria surgido o primeiro jornal da era moderna, mas de acordo com a Voz do Dão na resenha sobre os 400 anos do jornal, ele afirma o seguinte: *“...investigações recentes sugerem que o marco do nascimento dos jornais impressos deverá situar-se em 1605 e não em 1609, data das primeiras edições encontradas e preservadas.”*

Foi em 1605 que Johann Carolus iniciou a impressão em Estrasburgo, cidade que hoje pertence à França e que recebeu os primeiros exemplares da obra Avisa Relation oder Zeitung. O Relation é, segundo a Associação Mundial de Jornais (AMJ), uma das provas documentais das primeiras folhas impressas na transição do século XVI para o século XVII.



O que se tem de informação é que estes boletins eram vendidos nos mercados a pessoas de classes menos favorecidas. Carolus financiava uma rede de correspondentes espalhados pelas cidades, dos quais recebia notícias, que logo em seguida as divulgava em sua publicação, tudo ainda de forma manual. E então no ano de 1604 Carolus compra uma impressora a uma viúva de um gráfico e já no ano seguinte começa a imprimir seus boletins, onde ele percebe que aumentando o número de exemplares diminuiria o valor pago nos boletins. O sucesso do jornal fez com que desencadeasse uma série de cópias do conteúdo do Relation obrigando a Carolus entrar com um pedido de proteção à Câmara de Estrasburgo, nesta situação percebesse os primeiros problemas relativos aos direitos do autor.

No século XVII os jornais passaram a focar assuntos locais, mesmo que sob o olhar da censura.

Uma inovação técnica, consolidada em 1844, transforma a imprensa escrita, é o telégrafo, que mudou o fator tempo, possibilitando que as informações fossem transmitidas em questão de minutos, doando mais realismo e relevância as mesmas. Acontecimentos históricos, como a guerra civil norte-americana de 1861, foram ‘narrados’ graças ao avanço técnico e por consequência mudança nas condições de trabalho. Essas mudanças renderam ao jornal força e presença no mundo inteiro. É neste século, XIX, que o jornal vive seu auge, sendo a principal mídia fornecedora de informação. O jornal apresenta-se agora como um potencial lucrativo e assim surgem grandes nomes, como os de William Randolph Hearst, Joseph Pulitzer, e Lorde Northcliffe. Essas mudanças renderam ao jornal força e presença no mundo inteiro.

Nos anos 20 surge o Rádio, e com ele a “competição” no campo das mídias, exigindo que o rádio reavaliasse seu papel como principal fonte de informação da sociedade. As vantagens oferecidas pelo rádio alertaram as editoras de jornais impressos quanto à necessidade de renovação. Muito dos estudiosos da época garantiam que o jornal não conseguiria sobreviver ao surgimento desta nova tecnologia, porém não demorou muito e alguns anos após outro meio revolucionário chegaria para balançar ainda mais as plataformas dos jornais, a televisão. O dilema de driblar um meio instantâneo e com grande apelo visual. Segundo um artigo publicado na internet por Barber Phil, de 1940 a 1990, a circulação de jornais nos EUA caiu de um jornal para cada dois adultos contra um jornal para cada três adultos. Apesar disso os jornais ainda representam um importante papel na transmissão de notícias em todo o mundo, as novas



tecnologias surgem, mas as grandes editoras sempre encontram novas formas de driblarem essas novas ameaças, que vai de mudança nas cores aos formatos.

Essa nova era das multiplicidades de informação, de mídia, de conteúdo, novamente desperta em alguns estudiosos a ideia do fim do jornal, é o que a professora e doutora, Bella Paloma afirma quando diz que os números das grandes empresas de periódicos caem drasticamente ano a ano.

Uma nova crise, para muitos a última

Ultimamente o jornal tem passado pelo o que alguns estudiosos chamam de “a grande crise”, aonde já vem ocorrendo há algum tempo e que é uma das muitas pela qual já passou este meio, “*o que diferencia essa das outras é que nada assegura a existência do jornal há daqui a um ano*” (Paloma, 2009) (nossa tradução).

O que a professora também ressalta é que o que se discute não é o futuro do jornalismo, pois para ela, fatos sempre aconteceram para ser noticiados. O que se discute é o meio jornal impresso, onde fatores mundiais têm feito com que se não forem tomadas medidas preventivas, levarão o jornal a um futuro nada promissor. No artigo O Futuro do Jornalismo, Rogério Simões, acredita que ainda teremos veículos impressos em 50 anos por que:

a comodidade de se ter um pedaço de papel à mão para ser lido no parque ou na praia manterá o interesse de leitores por livros ou jornais. Esse jornal poderá ser impresso, em casa ou em uma banca, por um computador que, por sua vez, poderá selecionar o tipo de notícia que interessa ao comprador. (Simões, 2010)

Porém números mostram que a preferência pelos meios digitais aumenta na medida em que as gerações vão se renovando. Assim, alguns acreditam que o que ainda faz com que os jornais sobrevivam são as tradições praticadas pelos mais velhos. Os números são claros quanto à queda dos jornais, segundo a professora Paloma no ano de 2009, 150 jornais fecharam na Europa e 23.000 jornalista perderam seu trabalho. No Brasil apesar dos números não serem tão trágicos, é explicado pela professora, pelo aumento dos jornais populares de custo baixos como AQUI PE em Pernambuco, porém jornais clássicos e tradicionais têm suas tiragens diminuídas, muitas vezes seus valores diminuídos, as paginações e os tamanhos diminuídos, tudo para tentar reverter a crise.

A tendência para reverter esse quadro é dos jornais irem se modificando, assim como foi feito no passado, porém a diferença é que apenas mudar nas cores e no formato não irão surtir muito efeito, quando o que se interessa é a informação e como



ela estará disponível ao leitor. Ainda no artigo sobre o futuro do Jornalismo, Ricardo Gandour explica:

o sujeito, classicamente, entre 6h, 7h da manhã e 23h, via um jornal no café da manhã, depois ouvia rádio no trânsito, chegava ao trabalho e ali não consumia mídia alguma. Ao voltar, ouvia rádio de novo e, em casa, ligava a tevê e mais tarde ia dormir. A internet e o celular preencheram esses vazios. O celular está direto com ele, usa computador um pouquinho em casa e a tevê por assinatura aumentou as opções à noite. O jornal entrou ainda mais no final de semana”. Ele admite que, com esses espaços, “as novas mídias comprimem as outras, que perdem um pouco de *share*, mas continuam. Então, cabe às mídias tradicionais entenderem esse novo papel e adequarem a sua oferta, com mais análise, mais contexto, mais personagens, mais histórias bem contadas. (Simões, 2010)

Já Rodolfo Fernandes acha que “*os jornais não serão mais mídia de massa (a rigor já não são há tempos), mas continuarão exercendo papel relevante como balizadores da opinião de interessados em informação mais qualificada.*”

Os dois autores defendem a ideia da valorização do conteúdo, porém isto é claro, resta saber se o interesse pela leitura no papel, e aí não interessa o conteúdo, continuará sendo exercida nos próximos anos. É claro a tendência dos mais jovens em buscar a notícia em portais na internet de que no jornal do pai que está fixado na mesa. E talvez daqui a algum tempo todos preferirem ler a notícia na versão on-line do jornal, estará como certo o fim de uma história de mais de 400 anos, o jornal irá acabar, porque uma das muitas características que identifica o jornal é a sua publicação no papel.

Evolução da leitura e da produção textual

No início do livro, *Apocalípticos e Integrados*, Humberto Eco faz uma interessante referencia sobre o mito da escrita e de como a novidade assustava a alguns. Eles achavam que com a escrita as pessoas, aos poucos, iriam perder a memória por não forçá-la ao ficarem dependentes das informações que estavam guardadas nos papeis. A invenção da escrita pode não ter causado a perda de memória nos humanos, preocupação explicável pelo fato de que sempre uma novidade causará espanto, mas fez com que o homem passasse a usar muito mais o recurso da visão do que do som.

Séculos passados, muitas mudanças ocorreram, mas este fator da oralidade sempre continuou fazendo parte da humanidade. Desde a antiguidade os ensinamentos eram passados oralmente, afinal a fala antecede a escrita e a escrita só começa a ser difundida no período contemporâneo, um espaço de tempo muito grande. Então a sociedade



ocidental viveu com a oratória boa parte do tempo para construir a sociedade que vivemos hoje, por isso a oralidade ainda é tão presente em nosso meio.

Hoje é difícil olharmos ao nosso redor e não encontrarmos uma só palavra, tudo em nossa volta tem texto, porém a passagem da cultura oral à cultura escrita se deu por um longo processo e que se intercala diretamente a história do jornal. Segundo Roger Chartier, o ato de leitura passa por três revoluções que destrincharemos a seguir.

A primeira é a transição da leitura em voz alta, para a leitura silenciosa. A leitura em voz alta era a marca da primeira forma de ler, onde que ler era mesmo que sinônimo de falar, os números restritos de escritos nesse período obrigavam que as informações fossem transmitidas oralmente de geração a geração. A literatura portuguesa que dá subsídios à literatura brasileira nasce nessa oralidade com os trovadores. As trovas eram memorizadas e transmitidas oralmente, e apesar de grande parte dos trovadores pertencerem à corte, foram muito populares entre os nobres e pessoas comuns. A cultura grega também se assentava nessa oralidade, os poemas homéricos eram todos transmitidos de forma oral.

antes de haver leitura, os homens falavam, mas não se sabe exactamente desde quando isso acontece. Como uma forma muito próxima da comunicação lingüística actual, existirá há cerca de mil anos; como formas mais primitivas, seguramente, há muito mais tempo. O passo seguinte a língua falada, a língua escrita, é uma aquisição mais recente – cerca de seis mil anos... (Morais, 1997)

Hoje ainda é possível encontrar pessoas que pratiquem a leitura em voz alta, porém o número é menor e os objetivos são diferentes. O homem da idade média empregava uma memória muito mais auditiva do que a memória visual que utilizamos hoje para decodificar um texto.

Os manuscritos caligraficamente confusos e repletos de contrações exigiam do leitor um esforço de memória auditiva, que desde pequeno foi treinado a confiar no som e não na interpretação dos signos escritos, que é proporcionado futuramente com o advento da imprensa. E geralmente quem copia, muitas vezes copia aquilo que é ditado e então a escrita é produzida em função desse papel da voz, por isso só a vocalização garante maior percepção do sentido nesse tempo, porque também permite separar o que parece unido.

Foi no início da Idade Moderna que se deu a primeira revolução da leitura: a passagem da leitura em voz alta à leitura silenciosa. As primeiras referências da leitura silenciosa, segundo Chartier, são em duas peças de teatro; Hipólito de Eurípides – Teseu lê em silêncio uma carta deixada pela sua mulher morta; noutra – Os Cavaleiros, de



Aristófanis – Demóstenes fica perturbado ao ler em silêncio uma placa enviada por um oráculo.

Contudo, segundo o professor da UFPE, Marlos Pessoa, em seu artigo sobre a história da leitura e produção textual, ele defende que na literatura ocidental o primeiro caso de leitura silenciosa ocorre no século IV d. C.. Agostinho (354 -430) ficou muito surpreendido ao ver que o bispo Ambrósio de Milão, amigo e conselheiro de sua mãe e de quem se viria a tornar muito próximo, lia em silêncio e nunca em voz alta.

Foi no século X que a leitura silenciosa se tornou usual e a partir do século XVI com o alargamento das universidades a leitura silenciosa já era suficientemente comum e já eram utilizados os sinais de pontuação não apenas por questões estéticas, mas lingüísticas também.

A leitura silenciosa proporcionou uma relação mais íntima com o texto, porém nem os livros, nem muito menos os jornais com o advento da imprensa foram os principais motivadores dessa primeira revolução, segundo Chartier. *”As revoluções da leitura são múltiplas e não estão imediatamente ligadas à invenção ou a transformação da imprensa.”* (Chartier, 2000)

Mas é com a industrialização da produção do livro no século XVIII na era da impressão que surge a segunda revolução constituída numa leitura menos aprofundada e numa diversificação de gêneros. Um grande crescimento da produção dos livros e dos jornais, em suas formas mais simplificadas e baratas foram as principais causas que motivaram esta mudança.

Porém foi o jornal o principal motivador dessa nova revolução, pela abundância de assuntos diversificados, superficial e efêmero, algo novo nesse período, obrigou ao leitor uma leitura mais rápida, característica dessa nova revolução.

Na segunda metade do século XIX, intensificou-se a alfabetização nas áreas mais desenvolvidas, aos poucos pessoas que não tinham acesso a leitura foram pouco a pouco sendo inseridas neste mundo. Assim mulheres, crianças, trabalhadores deram origem a novas classes de leitores e os jornais cada vez mais foram ganhando força, dando origem a uma diversificação das práticas de leituras, o que Roger Chartier se refere ao período da história da leitura como era da sociologia das diferenças. É nessa fase que o jornal, que foi um dos grandes causadores desse período, alcança seu período auge ou o seu período dourado como alguns estudiosos, como a professora Paloma, prefere falar.



A terceira revolução da leitura já pega a decadência do jornal, onde é caracterizada pela transmissão eletrônica de textos, onde não só as informações saem do campo da palpável para o virtual, como também o leitor começa a não ser mais apenas um receptor, mas também um autor/produtor de conteúdo, além da possibilidade de ser um co-autor, reformulando, sugerindo, acrescentando, ou retirando texto a texto do que foi apresentado. Essa mudança na forma de consumir as mídias foi objeto de estudo do professor e pesquisador, Henry Jenkins.

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo.” (Jenkins, 2009)

Assim, a nova era da leitura permite a todos, através das tecnologias dispostas, tanto o acesso a todos os tipos de informações, como o acesso dessas informações em diferentes locais e em diferentes tempos. Mas ainda, o manuscrito e o impresso não perderam seu papel de importância, por todo seu passado que fixou uma tradição e por ainda conseguir suprir necessidades de transmissão de informações.

Nova forma de leitura na era da informação

Nos dias atuais é difícil uma pessoa não passar por um bombardeio de informações durante um dia comum de sua vida seja ela publicitária ou não. Sendo mais enfático, é difícil não, é impossível, tanto ao homem do campo, quanto ao homem da cidade. TV, jornal, outdoor, placas, cartazes, carro de som, panfletos e uma série de artefatos que geralmente não são utilizados como mídia como, espelhos, escadas, bancos, estradas diariamente tentam roubar um pouco de nossa atenção.

A atenção nunca foi tão requisitada como está sendo atualmente, o comércio percebeu nessa atenção a possibilidade de uma nova economia, onde o homem e sua participação são componentes indispensáveis para mantê-la sempre aquecida.

A internet com sua permissão à interatividade acelerou ainda mais este desejo das pessoas de montarem seu próprio conteúdo, se antigamente os publicitários arrancavam os cabelos com o controle remoto, na medida em que os telespectadores mudavam de canal na hora dos comerciais, mesmo sendo a possibilidade dele encontrarem outros comerciais na estação que ele parasse, hoje o telespectador simplesmente monta seu conteúdo, excluindo obviamente as propagandas que sempre



são vista como indesejadas. Aqui, fala-se, sobre a capacidade de personalização nunca vista antes, proporcionada pela internet.

As informações tendem a se tornarem cada vez mais específicas e com a ajuda das novas tecnologias, tende a chegar cada vez mais perto de seu público-alvo. Um exemplo, um consumidor de informação A vai buscar em determinado blog Y informações de como a audiência de determinada emissora de TV aberta está se comportando durante o dia, antigamente as informações que tínhamos de audiência de televisão eram algumas notas no caderno acontece, ilustrada, revista, TV, atualidades do jornal, onde lá teria uma sessão falando sobre a programação da TV aberta, onde raramente poderia encontrar algo sobre a audiência, já que a maioria das notas são destinadas a celebridades, o que pode não importara quem busca sobre audiência de programas.

O leitor tem onde buscar o assunto, sendo ele o mais específico que seja, qualquer assunto que jogarmos no Google, uma série de links aparecerá, de blogs a sites especializados no assunto, de fóruns a comunidades, um determinado grupo de pessoas, sendo ele pequeno ou não, estarão produzindo conteúdo e compartilhando com aqueles de interesse comum. As mídias tradicionais não suprem esta necessidade de leitura seletiva e específica que as pessoas têm, e mais especificamente os canais abertos e grandes jornais. Como mídias de massa, esses veículos tendem a ser heterogêneo abordando assuntos de interesses medianos que alcancem a maior parte de leitores possíveis.

A leitura tende a ser mais seletiva diante de tantas informações passadas com a ajuda das novas tecnologias. O homem criou um recurso próprio para se desviar das infinitas mensagens que o cérebro humano não seria possível de decodificar. O preocupante é que acaba se tornando cômodo e viciante ao ponto de tornamos dependentes dessa forma simplificada de buscar uma informação, então se a pessoa quer lembrar de determinada atriz de um filme americano da década de 90, simplesmente ela joga em um buscador na internet e essa informação vem mais rápida de que se ela ficasse puxando da memória.

E nessa atividade de formamos nosso conteúdo, criando nosso hipertexto, através da busca, cria-se no homem um espírito explorador, caçadores de informações onde a inércia vista nos meios tradicionais, como no jornal, é algo digno de repúdio. As pessoas querem ir atrás, não querem receber a informação pronta, mesmo ela sendo dada pelo maior crítico da área. Os leitores dessa nova eram tem seus formadores de



opinião, mas eles geralmente são grupos e as informações não são impostas por eles, mas geradas espontaneamente em determinada plataforma. Tanto é que, se qualquer propaganda interferir em algo que foi gerado espontaneamente há uma tendência muito grande de não dá mais certo, pela situação forçada que fica.

Assim surge uma era em que as informações produzidas de forma espontâneas tendem a dar mais certo, as pessoas preferem buscar e formar seu texto, e o processo de digitalização facilita com que o leitor tenha acesso a seu conteúdo na hora em que ele quiser. Desse modo, dificulta a preferência pelo jornal impresso nos dias atuais, pois não há possibilidade do jornal de adaptar totalmente a mudanças acima. É um cenário em que o fim do jornal não foi decretado, mas exigiu mudanças do jornal impresso na tentativa de chegar cada vez mais perto do digital, e assim aproximar-se do consumidor.

De aplicativos à campanhas que unam impresso e digital, é notável as adaptações do jornal impresso para a realidade digital. A maioria dos jornais está fazendo uso do QR Code, um código de barras que pode ser escaneado pela maioria dos aparelhos celulares com câmera fotográfica. Após a decodificação, passa a ser um trecho de texto ou um link que levará a algum site com o conteúdo proposto. É a versão mobile de parte do conteúdo do jornal, inserida no impresso. Além QR code e de aplicativos de jornais exclusivas para o mobile, é muito comum encontrarmos campanhas promocionais que fazem o leitor usar as redes sociais ou algum aplicativo. O sucesso do Instagram e do comentado show de Paul McCartney em Recife, fez o Diário de Pernambuco criar uma ação em que pedia para os leitores enviarem fotos para o jornal através do aplicativo usando a hashtag #paulnorecife.

Observa-se que a questão da adaptação torna-se crucial para a manutenção da relevância da mídia, sendo claro que a cultura de consumo de mídia mudou completamente desde o auge do jornal impresso.

Como disse a professora Paloma da Universidade de Málaga (2009), o jornal precisa, se ainda quiser fazer parte da história da humanidade, mudar não apenas em sua estrutura e nas notícias que serão passadas, mas na forma de como será a relação do leitor com o jornal. A questão da digitalização não é tão importante como a forma como ele irá se apresentar diante do leitor, já que a necessidade do homem pelo papel ainda existirá por algum tempo. O jornal precisa tornar o leitor cada vez mais jornalista, editor chefe, crítico para suprir essa era onde os leitores são seletivos demasiadamente pelo excesso de informações encontradas, onde a digitalização permite a informação chegar de forma mais rápida e em qualquer lugar e hora e onde o leitor sente a necessidade de



interação no conteúdo disposto. Como fazer isto vem sendo a grande questão e interrogação que por enquanto tenta se encontrar resposta.

Conclusão

O jornal por mais de quatro séculos fez parte e ajudou no desenvolvimento da sociedade humana, como meio de comunicação, o jornal foi um importante transmissor de informações sendo indispensável para aqueles que queriam se manter atualizados das principais notícias locais, nacionais e mundiais, a partir da década de 90 começa a virar um meio de uma elite culta em contraposição a surgimentos de jornais mais populares e baratos.

A leitura silenciosa caracterizada pela memória visual muito maior que a memória sonora do início da invenção da escrita proporciona ao homem uma maior rapidez no processo de codificação e uma menor perda de informação dos assuntos passados. Tendo como o maior acontecimento a invenção da imprensa, para que tal feito tenha sido possível, o jornal viu nessa fase da leitura seu auge, marcado por grandes periódicos em todo o mundo e que ainda são bastante influentes.

Com uma nova forma de leitura caracterizada pela seletividade e produção mútua da informação o jornal se vê em uma de suas maiores crises em todo o mundo, os jornais não conseguem acompanhar o surgimento das novas tecnologias e as mudanças dos perfis de seus leitores. O leitor que por anos foi passivo na transmissão de informações pelos principais meios de comunicação, agora se vê também no papel de ativo e diferente dos outros meios como o jornal e a TV que ainda tentam proporcionar isso a esse novo tipo de leitor, principalmente com o advento dos digitais.

Ainda é cedo para decifrar o futuro do jornal, mas é claro o seu presente problemático e sua necessidade de buscar recursos para manter-se presente na vida das pessoas, buscando um público jovem, através de um processo de renovação e na relação da notícia com o leitor.



Referências Bibliográficas

ABREU, Marcia (Org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, FAPESP, 2000.

BARBER, Phil. “A Brief History of Newspapers”, *Historic Newspapers and Early Imprints*. 2002. www.historicpages.com. Acesso dia 07 de agosto de 2010.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Lisboa: Veja, 1997.

DOS SANTOS, Betina Astride Ferreira Aldinhas. **CiberLeitura**. Universidade de Lisboa. 2005.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In Abreu Márcia (Org) **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, FAPESP, 2000.

DORIA, Pedro. **O futuro do Jornalismo, Que futuro?**. Blog Pedro Doria. <http://pedrodoria.com.br/2009/02/20/o-futuro-do-jornalismo-que-futuro/>. Acessado em 27 de julho de 2010.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo, Perspectiva, 2006.

MORAIS, José. **A arte de ler: psicologia Cognitiva da Leitura**. Lisboa: Cosmos. 1997.

PALOMA, Bella. **Inovación en Periodismo**. Universidade de Málaga, Espanha. 2009.

PESSOA, Marlos. **Subsídios para uma história da leitura e produção textual em Portugal**. UFPE, 2001.

RIBEIRO, Eduardo, Jornalistas e C&A. **Edição especial para os 12 anos**. Site <http://www.jornalistasecia.com.br/edicoespecial02.htm>: acessado em 05 de agosto de 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Edição 2. Aleph, 2009.